



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Política Social e Serviço Social.

Sub-Eixo: Educação.

## BRASIL DO CAPITAL ACIMA DE TUDO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO APÓS 2016

Simone Eliza do Carmo Lessa<sup>1</sup>  
Rafaella Peres Ennes de Souza<sup>2</sup>  
Thamires Santos Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:** Apresentamos reflexão sobre os impactos do golpe de 2016 e da ascensão de governos ultraconservadores sobre a política educacional.

**Palavras-Chave:** Educação, Golpe, Regressões.

**Abstract:** We reflect about the impacts of the coup IF 2016 and rise of ultraconservative governments on the educational policy.

**Key words:** Education, Coup, Regressions.

### 1 INTRODUÇÃO

*“Se a educação, sozinha,  
não muda a sociedade, sem ela,  
tampouco, a sociedade muda.”*  
Paulo Freire.

Em nossa participação no maior evento do Serviço Social brasileiro queremos propor uma breve reflexão sobre a complexa e difícil conjuntura brasileira e seus impactos na política educacional. Queremos, assim, tratar dos impactos do governo ilegítimo de Temer e do recém eleito Bolsonaro sobre a política de educação. Entendemos que os rumos dessa política compõem um quadro de intensas disputas na arena de lutas entre capital e trabalho no Brasil contemporâneo.

No percurso desta reflexão vamos destacar os movimentos da sociedade contemporânea, sobre os quais sinalizamos brevemente a crise mundial do capitalismo e seus reflexos na vida social. Agregamos a este debate o fato de estarmos vivendo um

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: elizasimone@gmail.com.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: elizasimone@gmail.com.

<sup>3</sup> Profissional de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: elizasimone@gmail.com.

momento complexo após um golpe jurídico-parlamentar-midiático<sup>4</sup> que tem tido como consequência a rápida regressão de direitos e a valorização de concepções reacionárias de sociedade, processo que, aliado à crise econômica, associada ao fim das capacidades de conciliação encarnadas pelos governos do PT, culminou na recente eleição de um grupo violento, autoritário, profascista, privatista, submisso ao imperialismo estadunidense, misógino e reacionário.

## **2 EDUCAÇÃO BRASILEIRA: históricas disputas**

A política de educação brasileira, sua materialização como base legal e sua efetivação na formação são experiências que se desenvolvem mais ampla e significativamente no século XX<sup>5</sup>. Portanto, essa, como outras políticas da periferia capitalista é tardia, frágil e incompleta: tardia por sua recente institucionalização; frágil por sua infraestrutura física e de financiamento precárias, bem como pelo descaso para com o trabalho dos profissionais da área; e incompleta porque sequer universalizamos a educação básica.

A experiência educacional hoje construída é marcada pela nossa história de longa escravidão e, por isso mesmo, pelo desprezo à formação da classe trabalhadora, pelo elitismo, pela meritocracia, pelo subfinanciamento, pelas diferenças na qualidade dos serviços prestados<sup>6</sup>. Esta jovem política tem muitas incompletudes: falta ampliar e universalizar o Ensino Médio, a universidade e a creche<sup>7</sup>, faltam prédios, bibliotecas, recursos tecnológicos, incentivo à carreira docente e à pesquisa científica. Considerando que o processo de formação não se restringe ao ambiente de aprendizagem. Pensar em educação é também pensar na intensa desigualdade que marca o mundo, especialmente a

---

<sup>4</sup> Não desconsideramos que o governo anterior caminhava também no sentido do conservadorismo, quer seja no contingenciamento de recursos para pagamento da dívida pública, quer seja na criminalização dos movimentos sociais de resistência ou ainda pela gestão privatizante de políticas sociais. No entanto, a violência, a rapidez absurda dos retrocessos e a intensa aglutinação dos representantes do capital em torno desse processo, tem sobressaltado a classe trabalhadora por seu ataque a direitos básicos, inclusive no campo da educação. A crise do capital não comporta mais concessões à classe trabalhadora e o golpe é expressão deste processo.

<sup>5</sup> Somos um país que tem a marca do escravismo, da condição de colônia e de periferia do capitalismo. Essas características influenciam, sobremaneira, a construção da proteção social brasileira. Neste sentido, podemos afirmar que a política educacional foi secundarizada diante de um país colonial, que tinha mão de obra escrava até o final do século XIX.

<sup>6</sup> Não podemos falar em homogeneidade na prestação de serviços na educação pública no Brasil. A diversidade de condições entre as redes municipal, estadual e federal é notória, bem como a diferença da qualidade entre instituições, segundo o território que ocupam: regiões do país, cidades ou bairros.

<sup>7</sup> A taxa de analfabetismo, em 2017, era de 6,1% para homens e 6,8% para mulheres, sendo maior para as populações negras e pardas (para pessoas com 15 anos ou mais); isso tudo sem considerar os chamados analfabetos funcionais. Além disso, somente 46,1% dos brasileiros de 25 anos ou mais, concluíram o ensino fundamental e, por isso, o número médio de anos estudados para a população do sudeste (região mais rica do país), na mesma faixa etária, é de nove anos (PNAD, 2017).

América Latina. É, portanto, pensar nas condições de vida das nossas crianças e jovens pobres e nos frágeis direitos por eles acessados.

De fato, o acesso à escolarização brasileira acontece em um contexto de redemocratização, nos anos 1980, mas também de intensa crise econômica. Trata-se de uma ampliação aligeirada a uma formação que foi duramente atacada pela ditadura civil e militar (SAVIANI, 2008), denominada de formação *para menos* por Algebaile (2009) que acontece em uma escola visivelmente degradada, atende a uma demanda do capitalismo monopolizado: mão-de-obra mais escolarizada e educada, apta à flexibilidade, ao trabalho precarizado, ao individualismo e à competitividade exigidos pelo mercado.

Feitas estas reflexões iniciais e observando a realidade atual, é possível afirmar que hoje, nosso modelo de educação busca formar uma mão-de-obra de escolaridade básica, treinável e adaptável às mais diversas (e, por vezes) precárias condições da produção e do trabalho, organizando uma formação empobrecida para os pobres. A máxima da Constituição Federal de 1988 – *todos são iguais perante a lei* – certamente inalcançável em uma sociedade em que o fundamento básico é a exploração do trabalhador – fica muito mais aviltada em um contexto neoliberal.

Aqui a violência estatal é materializada nos serviços degradados prestados à população mais pobre e na repressão policial. Por aqui, o analfabetismo e a baixa escolarização tem cara: é negro, pobre, periférico, humilhado cotidianamente pela polícia e pela política. Como desdobramento deste processo temos 24% dos nossos jovens de 15 a 29 anos na condição de “nem-nem” – ou seja, nem trabalham, nem estudam (PNAD, 2018), condição gravíssima para um país continental e periférico, dotado de importante população juvenil. Segundo a mesma PNAD, dentre a população entre 15 e 64 anos, 30% têm limitações para fazer uso da leitura, escrita e do raciocínio matemático. Além disso, 7% dos brasileiros, na mesma faixa etária, são analfabetos (PNAD, 2018). A produtividade da escola improdutiva destacada por Frigotto em 1993, permanece atual.

## **2-1- EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE INTENSAS REGRESSÕES:**

Como economia periférica, o Brasil sofre intensamente com as crises internacionais. Foi assim na transição para a república em 1889, quando ascendia o capitalismo monopolista; em 1930, no contexto da crise de 1929; no início da década de 1970, frente à fragilização do paradigma fordista-keynesiano; e tem sido assim agora, na grande recessão amplificada por medidas supostamente anticrise, que degradam a vida da classe trabalhadora (ALVES, 2017). Tais regressões acontecem no acirramento da crise de 2008

– e permanecem em curso, sem sinais de minimização, sendo intensificadas pelo atual governo ultraneoliberal, privatista, que ataca direitos fundamentais, como o de Bolsonaro.

Os reflexos desta profunda crise internacional chegam ainda mais violentos em termos recessivos, em economias periféricas como a brasileira, o que tem ampliado os níveis de desemprego<sup>8</sup> precarizados ainda mais, os vínculos de trabalho, enxugado recursos para a proteção social, compondo um quadro de destituição e de degradação. O desalento e a desesperança são motores do apassivamento da classe trabalhadora, por um lado e, por outro, de sua revolta despolitizada, expressa em discursos profascistas que buscam identificar “culpados” desse processo entre os mais pobres. Uma sociedade armada, com mais cadeias, mais fundamentalismo religioso e menos pensamento crítico formatam esse processo. Há uma cortina de fumaça que dificulta, mais do que o habitual, a leitura da realidade.

A educação se integra a este quadro como direito fundamental, precariamente efetivado e em crescente processo de transformação em mercadoria. Neste momento, sofre uma série de ataques bélicos por parte do governo eleito, que está em busca de fragilizar espaços mais ou menos autônomos de produção de conhecimento como as universidades públicas (SAFATLE, 2019). Este quadro vem se aprofundando após o golpe jurídico, parlamentar e midiático<sup>9</sup>, seguido de uma eleição altamente polarizada, em que ascende um governo reacionário, que atenta contra os processos civilizatórios: direitos sociais, democracia, participação e pensamento crítico, são todos objetos de desqualificação.

Sobre o governo golpista, destacaremos artigo que descreve 12 ações que contribuíram para o desmonte de garantias alcançadas com muita luta pela classe trabalhadora (BOULOS, 2017). O autor destaca o desmonte de programas sociais em curso depois da deposição da presidente Rousseff, dentre eles o Ciência sem Fronteiras e a exploração do pré-sal com a destinação de parte de seus lucros para a saúde e a educação. Além disso, o autor lembra-se dos retrocessos expressos no congelamento de investimentos públicos nos próximos 20 anos; a entrega da gestão de setores estratégicos

---

<sup>8</sup> O Brasil tem hoje 13,1 milhões de desempregados e 37 milhões na informalidade, segundo o IBGE (Jornal Estadão, 2019).

<sup>9</sup> Badaró (2016) nos traz rica análise sobre o golpe. Em suas hipóteses, as motivações deste fato dizem respeito ao acirramento da crise do capitalismo, determinando que os espaços para a conciliação de classe e para a concessão de direitos fiquem mais estreitos. Também relaciona o golpe a retrocessos da divisão internacional do trabalho, que reforçam a condição de produtor de bens primários por parte do Brasil, relacionando-o, ainda, aos limites do PT frente à gestão dos interesses do capital, por sua presença ainda, junto aos movimentos sociais. Sua capacidade de produzir contrarreformas na velocidade e violência desejada pela burguesia brasileira foi posta em xeque desde os movimentos de 2013, sendo desqualificada através do golpe.

a representantes do capital financeiro, a terceirização e a reforma trabalhista. Na esteira do golpe e do governo reacionário falamos ainda da delegação de superpoderes ao Supremo Tribunal Federal, da política de ataques aos povos indígenas e quilombolas, de privatizações, do desmonte dos bancos públicos, da reforma do Ensino Médio, Trabalhista e do projeto da Reforma da Previdência.

O governo golpista e seu sucessor têm sido competentes na organização de uma arquitetura para reduzir custos relativos à força de trabalho, desorganizando os BRICS, provendo blindagem dos lucros do capital internacional, protegendo o agronegócio e a concentração agrária, aprovando a ampliação do rol de agrotóxicos em uso e fragilizando a definição de trabalho escravo. Além disso, prepara o terreno para tentar dar de bandeja a previdência privatizada para o capital internacional.

Todas essas medidas têm impactos diretos e indiretos para a política educacional. Os mais evidentes – o empobrecimento das famílias, o congelamento de recursos para as políticas sociais, a destruição do Programa Ciência sem Fronteiras, o desfinanciamento da educação pública, a desqualificação das instituições formadoras, a reforma do Ensino Médio<sup>10</sup>, que impedirá que os filhos da classe trabalhadora cheguem à universidade, a ascensão de uma Base nacional Comum Curricular que não aceita o debate sobre gênero - - saltam aos olhos pelo nível de regressividade, reacionarismo e pela rapidez com que foram aprovados.

Outro elemento que integra esse ciclo de regressões diz respeito ao movimento Escola Sem Partido, que prega um modelo de escola assentado sobre uma mentirosa neutralidade formativa, que nega a importância do aprendizado sobre a diversidade sexual e étnica, sobre os direitos dos negros e mulheres, sobre a liberdade religiosa, sobre a história dos povos originários e escravizados, sobre a exploração dos recursos naturais do Brasil. Esse quadro de censura, de negação do Estado laico, de cassação de ideias críticas e valorização de discursos de ódio e intransigência, certamente impactará no perfil humanista e humanizador em que a educação deve ter se refletindo na concepção de mundo e na autopercepção do estudante como sujeito de direitos, capaz de transformar a realidade em prol da coletividade e da democracia (FRIGOTTO, 2017). Neste sentido, o que está se desenhando é um modelo de formação de juventude que passa a ser educada precariamente e no obscurantismo. Os índices de analfabetos funcionais e políticos, portanto, tenderão a crescer. Esse mesmo quadro se espalha também para o campo da

---

<sup>10</sup> Concordando com Behring (2005), consideramos que o melhor termo para ações deste tipo é contrarreforma, visto que o que está em curso é uma regressão de direitos e não uma reforma no sentido da ampliação dos mesmos.

política cultural igualmente atacada, subfinanciada, que se apropria do patrimônio socialmente produzido para transformá-lo em produto lucrativo para alguns.

Finalmente, olhamos sobressaltados para o governo atual, legitimamente eleito em um processo eleitoral atípico<sup>11</sup> e extremamente polarizado na vida real e virtual, de tons profascistas, materializado em um contexto de crise econômica pós-golpe e de imensa frustração popular, diante de índices de desemprego e de violência altíssimos. Para tanto, vamos usar, essencialmente como fonte, jornais de grande circulação da tradicional mídia brasileira, que apoiou claramente o golpe contra Rousseff.

Começamos apresentando o presidente. Jair Bolsonaro era um militar de baixa patente, expulso do exército por vender bolsas feitas com paraquedas, sem autorização, por dar declarações contra a disciplina militar e por organizar um atentado à bomba trinta anos atrás. Vale lembrar que mesmo diante da expulsão do exército, em sua tentativa de construir um governo, idealmente, da moral e da ordem<sup>12</sup>, Bolsonaro cercou-se de militares conservadores em sua gestão.

Conhecido por seu comportamento agressivo e por suas falas polêmicas foi eleito para vereança em 1988, por um partido médio de viés conservador. Em 1990 ingressou na Câmara Federal onde permaneceu por quase trinta anos, discursando sobre violência e sobre a importância do armamento da população, da pena de morte, defendendo posturas machistas, racistas e reacionárias, falando contra políticas sociais e ações afirmativas.

Na condição de deputado, em quase três décadas de governo, aprovou somente duas leis (Jornal Estado de São Paulo, 2017) e estimulou os três filhos mais velhos a entrarem na vida política. Assumiu o governo em janeiro de 2019 e nestes poucos meses tem ocupado o noticiário internacional com suas condutas pouco adequadas. Neste sentido, foi aos EUA e bateu continência à bandeira estadunidense, ao Presidente Trump e ao seu *staff* (Jornal O Globo G1, 2018). Ainda no território norte-americano, o presidente brasileiro seria homenageado por uma câmara de comércio, mas foi rechaçado pelo prefeito de Nova Iorque, por sua postura homofóbica, racista e violenta (JORNAL O GLOBO, G1, 2019). Sua submissão aos interesses estadunidenses fica explícita na busca de acordos comerciais que fragilizam a economia brasileira. Em seu diálogo submisso frente ao estado de Israel e na sua adesão, de primeira hora, aos projetos imperialistas dos

---

<sup>11</sup> O então candidato Bolsonaro sofreu um ataque à faca de um homem com diagnóstico de insanidade mental. Alguns questionam a existência da referida “facada”, alegando tratar-se de uma situação forjada. A despeito da veracidade do fato, o afastamento do candidato do processo eleitoral (debates, viagens) por recomendação de saúde e a consequente proteção do mesmo diante das muitas contradições de suas propostas e falas, contribuíram, entre outros elementos, para sua vitória.

<sup>12</sup> Como se as forças armadas, necessariamente, agregassem esses valores a si mesmas.

EUA para com o governo venezuelano. Ainda que alguns queiram minimizar estes dados, a atitude pode revelar uma postura de subserviência inadequada tratando-se de um chefe de estado.

Internamente, Bolsonaro organizou um governo de contradições, em que as confusões diárias e mudanças de opinião não são ocasionais, mas formas de gestão. Como exemplos desta situação, lembramos que o presidente tem no ministério do meio ambiente, por exemplo, um sujeito que sofre um processo por danos ambientais. Sua ação tem sido tão ruim e exposto negativamente o país diante do mundo de tal forma que foi formada uma inédita frente de ex-ministros da pasta, de diversos governos, na intenção de questionar a ação do atual responsável (JORNAL EL PAÍS, 2019).

Outro exemplo da experiência bolsonariana é que no recém-criado ministério da Mulher e da Família foi colocada uma religiosa que defende um discurso machista expresso em diversas posturas: mães não devem trabalhar fora, pois nascem para a maternidade (JORNAL O GLOBO, 2018); e que filmes infantis, em que as princesas não se casam no final, passam uma visão ruim de feminino. Além disso, a já empossada ministra diz que meninas devem vestir rosa e meninos azul; afirma que viu Jesus em pessoa, em cima de uma goiabeira e questiona o pensamento científico, ao afirmar que os evangélicos deixaram, erradamente, a teoria da evolução de Darwin entrar nas escolas (JORNAL Estado de SP, 2019). Efetivamente, seu ministério é conservador, seu poder de ação é negativíssimo, suas falas têm causado espanto e algumas risadas.

No estratégico e fundamental ministério da educação Bolsonaro colocou inicialmente um professor colombiano inexpressivo, que não conseguiu desenvolver ações mínimas, mas que causou muita polêmica (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2019). Seu fracasso se deu rapidamente, mas o governo insistiu em mantê-lo no ministério por cerca de três meses. Sua saída ocorreu no mês de abril, depois de muitas trapalhadas. O ministro agora nomeado é economista e, tal qual o anterior, discípulo do pseudo-filósofo e astrólogo Olavo de Carvalho, que orienta o governo federal em termos de organização de seu corpo de assessores (no momento o tal guru está em acalorada discussão, que inclui xingamentos, com ministros militares nas redes sociais).

Com essa credencial negativa do falso filósofo, o novo ministro acaba de cortar 30% dos recursos de universidades, institutos e escolas federais, além de reduzir bolsas de pesquisa de pós-graduação (JORNAL FOLHA DE SP, 2019). Esse corte inviabiliza o funcionamento de instituições muito sucateadas, mas dotadas de muita potência na produção de conhecimentos no país. Trata-se de um ataque frontal ao pensamento, ao

desenvolvimento brasileiro e à ciência, antecedido por ameaças de cortes e de verbas e pela desqualificação de áreas como filosofia e sociologia, sob a alegação de que “não servem para nada”.

Para além dos cortes, há ainda a incompetência administrativa. O atual ministro (assim como o anterior) questionam programas de avaliação da educação pública sem propor nada em seu lugar, podendo criar um vácuo nas análises sobre o desenvolvimento do país (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 2019).

Coroando todo esse processo vexatório, o governo e seus ministros atacam cotidianamente o pensamento de Paulo Freire, desqualificando sua proposta pedagógica e responsabilizando-o pelas dificuldades escolares do Brasil (JORNAL DO TOCANTINS, 2019). Não satisfeito com tantos impropérios contra Freire, o ministério da educação ainda propõe a retomada de métodos educativos retrógrados, como a silabação, o ditado e o ato de decorar conteúdos, entrando em choque com uma formação complexa, que valoriza o pensamento abstrato e propositivo. De fato, um país sem universidade, com escolas sucateadas, que silabam, decoram e sem ciência está fadado à submissão externa perpétua.

Finalizando a apresentação dos principais atores do atual governo, o ministro das relações exteriores é também um discípulo de Olavo. Além de polêmicas com a Venezuela, da submissão aos EUA e de considerações esdrúxulas sobre o papel do Brasil na economia internacional, o ministro compara o presidente a Jesus, tem visões superdimensionadas de si mesmo e faz declarações inusitadas (JORNAL O GLOBO, 2019).

Pontuados os ministros queremos destacar, ainda, o principal corpo de sustentação do governo Bolsonaro: a promessa de realização da reforma da previdência, que mobiliza a seu favor o grande capital e a grande mídia (empregadores em busca de maximização de lucros, pela diminuição de suas responsabilidades na reprodução da força de trabalho). Trata-se de um projeto de ataque ao tripé da seguridade social e de sua lógica de solidariedade, de sua desvinculação da Constituição Federal, que minimiza responsabilidades dos empregadores e não faz cobranças aos grandes sonegadores previdenciários.

A proposta reforma previdenciária que está em jogo e sob barganha no nível federal é um golpe de morte na classe trabalhadora, que está no mercado formal e informal desde a mais tenra idade e que somente alcançará a aposentadoria após contribuição por 40 anos ao sistema previdenciário. Assim, trabalharão mais, em condições mais precárias e



se aposentarão sem integralidade, pois poucos serão aqueles que conseguirão alcançar o patamar de 40 anos em contribuição. Além disso, a proposta propõe um sistema de capitalização individual, que interessa imensamente aos bancos, pela potência de recursos que serão movimentados. Se aprovada, a reforma terá nefasto impacto na vida do brasileiro, em diversos sentidos – sociais, econômicos, culturais, de saúde, educacionais, subjetivos e outros ainda não vislumbrados.

Ao final, à guisa de breves conclusões, precisamos dizer o quão complexo e angustiante têm sido os últimos anos, especialmente, para trabalhadores do campo da educação. Professores e professoras, tradicionalmente desqualificados por diversos governos, têm sofrido com arrocho salarial, humilhações, condições de trabalho precárias, o que tem impactado, inclusive, em sua saúde mental, segundo nossa experiência profissional tem demonstrado.

Da mesma forma, historicamente, desprestigiada, a política educacional tem visto sua infraestrutura incompleta e frágil, atacada cotidianamente. Considerando que a educação não se materializa nos espaços de formação, exclusivamente e que o fenômeno da desigualdade e da pobreza – em expansão -- impactam diretamente nos processos formativos, podemos concluir que o quadro acima descrito, tornará a realidade educacional ainda mais complexa e até dramática, pois sobram indagações e problemas.

Neste sentido, o aprofundamento das expressões da questão social estará ainda mais presente nos espaços educacionais e se refletirá no trabalho das assistentes sociais que atuam neste campo<sup>13</sup>. Por isso, devemos buscar aprofundar nossas referências teóricas para compreensão crítica da realidade em curso, sem nos descuidarmos da dimensão ético-política e interventiva do nosso fazer profissional, atuando junto a alunos e suas famílias em suas demandas no sentido dos direitos sociais, da defesa da educação pública como materialidade dos processos civilizatórios. A dimensão pedagógica da profissão será ainda mais demandada em prol do acesso à informação sobre as dinâmicas institucionais, orçamentos e participação.

Para vencermos esses anos de recessão e regressão, que já pesam como se décadas fossem, devemos buscar forças coletivas, reinventando nossa organização como sociedade brasileira pela via de espaços representativos diversificados, sem abrimos mão dos sindicatos. A esperança parece residir aí.

---

<sup>13</sup>Observamos em nossa caminhada profissional que temos hoje, na política educacional, importante quantitativo de assistentes sociais atuantes na rede federal, especialmente na política de assistência estudantil. Também em prefeituras observamos a presença de profissionais de serviço social, em geral atuando no campo da permanência, como no caso do Rio de Janeiro.

Nos espaços formativos também residem esperanças, visto que são instituições em que as trocas e os aprendizados podem ser valorizados, potencializados, multiplicados por crianças e jovens leitores, pensadores, cientistas. A luta por esse modelo de educação não deve se perder. Por isso, não devemos desesperançar.

### 3- REFERÊNCIAS

ALGEBAIL, E. **Escola pública e pobreza no Brasil**: a ampliação para menos. Rio de Janeiro: FAPERJ/Lamparina, 2009.

ALVES, Giovanni. Pequena enciclopédia da miséria brasileira. *In*: ALVES, Giovanni, GONÇALVES, Mirian; TONELLI, Maria Luisa Q.; FILHO, Wilson R. **Enciclopédia do Golpe**. Vol. 1. SP: Editora Práxis, 2017.

BADARÓ, Marcelo. **A que ponto chegamos**. A luta de classes em 2016. Disponível em <http://blogjunho.com.br/o-ponto-a-que-chegamos-sobre-a-luta-de-classes-na-conjuntura-do-golpe-de-2016/>, acesso em 30/09/2017

BEHRING; BOSCHETTI. **Política Social**: fundamentos e história. 9. ed. São Paulo: Cortez. 2011.

BOULOS, G. Carta Capital. **12 retrocessos em 1/2 meses de Temer**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/12-retrocessos-em-12-meses-de-temer>. Acesso em 10 de junho de 2018.

BRASIL, IBGE. **Biblioteca PNAD Contínua 2017**. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf). Acesso em 06/09/2018

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>, acesso em 12/12/2017

JORNAL DO TOCANTINS. **Ministro questiona Paulo Freire**. Disponível em <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/politica/ministro-da-educa%C3%A7%C3%A3o-questiona-paulo-freire-e-promete-metas-agressivas-1.1784575>. Acesso em 09/05/2019

JORNAL EL PAÍS. **Inédita frente de ex ministros do meio ambiente contra o desmonte de Bolsonaro**. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/08/politica/1557338026\\_221578.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/08/politica/1557338026_221578.html). Acesso em 09/05/2019.

JORNAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Ministro da educação erra custo de avaliação**. Disponível em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,ministro-da-educacao-erra-custo-de-avaliacao-escolar,70002812994>

JORNAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Brasil tem 13,1 milhões de desempregados**. Disponível em [https://www.google.com/search?q=brasil+tem+13+milh%C3%B5es+de+desempregados&rlz=1C1GCEA\\_enBR814BR815&oq=brasil+tem+13+milh%C3%B5es+de+desempregados&aqs=chrome..69i57.7720j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=brasil+tem+13+milh%C3%B5es+de+desempregados&rlz=1C1GCEA_enBR814BR815&oq=brasil+tem+13+milh%C3%B5es+de+desempregados&aqs=chrome..69i57.7720j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8), acesso em 02/06/2019

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Paralisia e má repercussão de ações ideológicas motivaram mudanças no MEC**. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/03/paralisia-e-ma-repercussao-de-aco-es-ideologicas-motivaram-mudancas-no-mec.shtml>

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Ministro da educação diz que bloqueio não é corte**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/ministro-da-educacao-diz-que-bloqueio-nao-e-corte-e-que-medida-pode-ser-revista.shtml>. Acesso em 08/05/2019

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. **Deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas**. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deixamos-a-teoria-da-evolucao-entrar-nas-escolas-disse-damares-alves,70002673258>. Acesso em 10/01/2019

JORNAL O GLOBO. **Cotada para ser ministra diz que mulher nasce para ser mãe**. <https://oglobo.globo.com/brasil/cotada-para-ministra-diz-que-mulher-nasce-para-ser-mae-infelizmente-tem-que-ir-para-mercado-de-trabalho-23272762>. Acesso em 24/12/2018

JORNAL O GLOBO. **Ministro compara Bolsonaro a Jesus**. Disponível em. Acesso em 09/05/2019 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/03/ministro-compara-bolsonaro-a-jesus-ao-chamar-presidente-de-pedra-angular-do-novo-brasil.ghtml>

JORNAL O GLOBO. G1. **Bolsonaro presta continência a civis**. Entenda o gesto. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/12/03/bolsonaro-presta-continencia-a-civis-entenda-o-que-o-gesto-significa.ghtml>. Acesso em 03/05/2019

JORNAL O GLOBO. G1. **Prefeito de Nova Iorque ironiza Bolsonaro**. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/04/prefeito-de-nova-york-ironiza-decisao-de-bolsonaro-de-nao-ir-a-cidade-receber-homenagem.ghtml>. Acesso em 05/05/2019

JORNAL ESTADO DE SP. **Bolsonaro aprova dois projetos em 26 anos de Congresso**. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-aprova-dois-projetos-em-26-anos-de-congresso,70001900653>. Acesso em 03/05/2019

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **A gênese das teses do Escola sem Partido**: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira/ organizador Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro. UERJ, LPP, 2017.

MONTESANTI, B. **Como é a reforma do ensino médio e quais são as críticas a ela**. NEXO, 2016. Disponível em:  
<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/24/Como-é-a-reforma-do-ensino-médio-e-quais-são-as-críticas-a-ela>>

ROCKWELL, Elsie. **Vivir entre escuelas**. Relatos y Presenças. Buenos Aires, Argentina. CLACSO, 2018.

SAVIANI, Demerval. O legado educacional do regime militar. *In: Cadernos Cedes*, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008

SHIROMA, E. O., MORAES, M. C. de, EVANGELISTA, O. (orgs). **Política Educacional**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **Capitalismo e escola no Brasil**: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961). Campinas: Papyrus, 1990.